

Aquisição da linguagem: indagações e percalços

Onici Claro Flores – PUCRS e FAPA

RESUMO – Este artigo coloca em discussão os fundamentos teóricos que embasam os estudos em Aquisição da Linguagem, questionando a adesão a um ponto de vista estritamente lingüístico ou psicológico, sem maiores inquietações com os problemas epistemológicos decorrentes.

Problemas de aquisição ou aquisição de problemas?

Os estudos sobre Aquisição de Linguagem colocam-nos problemas teóricos de grande complexidade, por vezes negados ou, simplesmente, dados como inexistentes. Em primeiro lugar, o investigador precisa conciliar teoricamente dois campos de conhecimento distintos: o da Psicologia e o da Lingüística, apesar de só muito raramente fazê-lo.

Da Lingüística, herdamos uma tradição de estudos que excluiu o discurso, de sua área de inquirição, ignorando por um largo período de tempo o *plus* de linguagem, expurgado de seu escopo, o qual ultrapassa em muito os limites da *langue* saussureana. Nosso legado foi um objeto de estudos abordável e asséptico, porém bastante questionável.

De fato, existem fenômenos discursivos difíceis de descartar do âmbito da Lingüística destinando-os a outras áreas. Sua abordagem ou não abordagem – faca de dois gumes – faz estremecer, agora, os fundamentos da ciência Lingüística e (re)põe em discussão seu objeto de estudos.

Da Psicologia, vem-nos o conceito de estágio de desenvolvimento aceito, intuitivamente, quase sem restrições, gerando, contudo, renhidas disputas teórico-metodológicas. Dentre as questões por ele desencadeadas está a de que se aceitarmos que a língua é um sistema, não podemos pensá-la em termos de uma apropriação parcial. Isto é, "a noção de estágio de desenvolvimento da linguagem como conhecimento só ganharia evidência empírica se, em um tempo *t*, esse conhecimento se manifestasse na fala de uma criança e na fala de crianças em processo de aquisição da mesma língua, pelo menos na maioria das vezes em que ele fosse requerido" (de Lemos, 1995).

Claro, é possível pensar em sistemas alternantes a cada fase, os quais ir-se-iam expandindo e, paradoxalmente, especificando mais e mais. Esse, talvez, dá-nos algumas possibilidades de trabalho. Porém não resolve o impasse teórico a que se chegou, pelo menos de momento.

Toda essa complexidade se traduz no comentário de Atkinson (1982), que nos chamou a atenção para isso, tendo afirmado que em AL coexistem trabalhos teoricamente consistentes, falhos em sustentação empírica, ao lado de propostas teóricas inconsistentes acompanhadas de grande número de dados empíricos.

No que diz respeito à Lingüística, os estudos em AL apresentam-se extremamente lacunares por não terem identificado até o momento uma gramática infantil embasada no conjunto de dados lingüísticos disponíveis e por não terem tido sucesso no estabelecimento de um vínculo entre essa gramática e o desenvolvimento infantil.

O fato decorrente dessa situação é que se sabe muito pouco sobre a natureza e a forma das representações com que a criança lida ao atribuir sentido a enunciados ou ao produzi-los. O pressuposto é que a gramática da criança se modele e estructure consoante a gramática do adulto, sendo este o axioma orientador dos estudos sobre AL, quase que de modo invariável.

A definição de um ponto de vista

Tendo em vista a ruptura crítica com os modelos existentes, pareceu-nos de bom alvitre considerar outras possibilidades teóricas. A que nos interessou sobremaneira foi a de Cláudia de Lemos (1989), que elegeu como unidade de análise o diálogo, enquanto fenômeno da natureza discursiva, bem como o lugar de inserção

da criança na linguagem e no mundo simbólico, ou seja, no mundo humano.

Seu ponto de vista gerou um novo modo de analisar os dados, pois o enunciado da criança não mais poderia ser interpretado como evidência de um tipo de conhecimento categorial da língua, mas, sobretudo, enquanto indício da instauração do processo dialógico entre a criança e a linguagem de que o interlocutor é portador e representante.

Deve-se destacar que Bellugi e Brown (1971) já haviam apontado a presença de três processos de aquisição de linguagem – especularidade, complementaridade, reciprocidade – na análise dos dados de um de seus sujeitos de pesquisa. Contudo, a análise feita prendeu-se a questões categoriais, propondo um tipo de análise diverso daquele realizado por de Lemos.

A inovação introduzida pela autora foi a da valorização desses processos enquanto constitutivos das relações cognição/linguagem/sociedade. Nessa perspectiva, a noção de competência comunicativa torna-se central ao processo de aquisição da linguagem, ou, nas palavras de Perroni (1992), "a atividade comunicativa ou a intersubjetividade tem um papel decisivo na construção do cognitivo".

Vale a pena enfatizar que, ao se referir à especularidade, de Lemos (1981) utilizou o conceito relacionando-o ao de *construção* presente nos estudos de autores como Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1985), para quem são básicas as idéias de *fusão* e *diferenciação*. Por outro lado, de Lemos redimensionou os conceitos de imitação e repetição, os quais utilizam-se de estratégias extrativas típicas como a *analogia*, a *igualdade* e a *fusão*. Além do exposto, destaca-se que de Lemos não enclausurou o processo de aquisição no interior do sujeito, ressaltando que o processo de AL faz uso da imitação, da especularidade, da complementaridade e da reciprocidade.

Essa síntese teórica só foi possível porque a linguagem é tida por essa autora como um atividade constitutiva do sujeito e do mundo simbólico e os "primeiros estágios [de sua] aquisição [...] como uma construção conjunta e partilhada do objeto lingüístico" (Scarpa, 1985a).

Como já comentamos antes, o conceito de especularidade é fundamental a essa abordagem, tendo sido tomado do campo da psicanálise, que dele faz uso para explicar o processo de separação do eu e do não-eu. Winnicott (1982), por exemplo, diz que o rosto da mãe como espelho é imprescindível ao desenvolvimento emocional da criança, no sentido de que é a intervenção especular que

desencadeia o prolongado processo de identificação realizado pela criança (subjetividade/alteridade). Em linguagem, esse conceito ganhou importância decisiva reportando-se à construção do sujeito discursivo e de seu *interlocutor*.

Resta aditar, ainda, ser especialmente importante à aquisição da linguagem redefinir as relações entre o psicológico e o lingüístico. Tradicionalmente, o lingüístico tem se mantido fora do âmbito do psicológico, encontrando-se talvez aí a justificativa das várias tentativas de vê-lo como produto do psicológico, inclusive reduzindo-o a ele. Faz-se necessário, pois, repensar em que medida o psicológico não se pode revelar como subordinado ao lingüístico. Parece-nos que a abordagem sócio-construtivista da AL focaliza simultaneamente o lingüístico e o psicológico.

Nessa perspectiva, "a linguagem abandona o *status* de produto de uma atividade psicológica do sujeito para assumir o *de atividade constitutiva do sujeito no mundo*" (de Lemos, 1989).

Referências bibliográficas

- ATKINSON, M. *Explanations in the study of child language development*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- BELLUGI, U., BROWN, R. *The acquisition of language*. Chicago: The University of Chicago Press, 1971.
- BRUNER, J. *Acción, pensamiento y lenguaje*. Madrid: Alianza Editorial, 1984.
- de LEMOS, C. Interactional processes in the child's construction of language. In: DEUTSH, W. (ed.). *The child's construction of language*. London: Academic Press, 1981. p. 57-76.
- . Uma abordagem sócio-construtivista da aquisição da linguagem: um percurso e muitas questões. *Anais do I Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem*. Porto Alegre: PUCRS, 1989.
- . Língua e discurso na teorização sobre aquisição da linguagem. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 30, n. 4, p. 9-28, 1995.
- FERNÁNDEZ, A. *A inteligência aprisionada*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- FERREIRO, E., TEBEROSKY, A. *Psicogênese da linguagem escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- GIVÓN, T. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.
- PAIM, S. *A função da ignorância: a gênese do inconsciente*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. v. 1.
- PERRONI, M. C. *Sobre o desenvolvimento do discurso narrativo*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- SCARPA, E. M. Intonação e processos dialógicos: fusão ou diferenciação? In: *Aquisição da linguagem*. Uberaba: FISTA, 1985a. p. 56-74.
- . A emergência da coesão intonacional. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos 8*, IEL, UNICAMP, 1985b.
- VYGOTSKY, L. S. *Thought and language*. Cambridge: The MIT Press, 1962.
- WINNICOTT, D. *A criança e o seu mundo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

Publicações periódicas da PUCRS

- **MUNDO JOVEM**
Jornal de idéias e reflexões para jovens, vinculado ao Instituto de Teologia e Ciências Religiosas - *Mensal*
- **PUCRS INFORMAÇÃO**
Boletim informativo - *mensal*
- **VERITAS**
Revista de estudos de Filosofia e Ciências Humanas - *Trimestral*
- **LETRAS DE HOJE**
Revista de estudos de Linguística, Literatura e Língua Portuguesa
Trimestral
- **TEOCOMUNICAÇÃO**
Revista de estudos de Teologia, Filosofia e áreas afins - *Trimestral*
- **REVISTA DE MEDICINA DA PUCRS**
Editada pela Fac. de Medicina e Instituto de Geriatria - *Trimestral*
- **ANÁLISE**
Revista da Fac. de Ciências Políticas e Econômicas - *Semestral*
- **BIOCIÊNCIAS**
Revista do Instituto de Biociências - *Semestral*
- **BRASIL/BRAZIL**
Revista de Literatura Brasileira e Literatura Comparada Editada pela PUCRS, Brown University e Ed. Mercado Aberto - *Semestral*
- **COMUNICAÇÕES DO MUSEU DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA**
sem periodicidade
- **EDUCAÇÃO**
Revista do Curso de Pós-Graduação em Educação - *Quadrimestral*
- **ESTUDOS IBERO-AMERICANOS**
Revista de estudos sobre a História e a Literatura Ibero-Americana do Curso de Pós-Graduação em História - *Semestral*
- **HÍFEN**
Revista do Campus II/PUCRS/ Uruguaiana - *Semestral*
- **ODONTOCIÊNCIA**
Revista da Faculdade de Odontologia- *Semestral*
- **PSICO**
Revista especializada em Psicologia - *Semestral*
- **REVISTA DA FAMECOS**
Revista da Fac. dos Meios de Comunicação Social - *Semestral*
- **DIREITO & JUSTIÇA**
Revista da Faculdade de Direito - *Sem Periodicidade*
- **DIVULGAÇÕES DO MUSEU DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA**
sem periodicidade